PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E REDES SOCIAIS: NAVEGAR É PRECISO?

PRODUCTION OF SUBJECTIVITY AND SOCIAL MEDIA: SURFING IS NECESSARY?

Arthur Victor Gomes da Silva Barros
Tânia Maia Barcelos

Resumo: Este artigo decorre de uma pesquisa de iniciação científica que busca investigar a produção de subjetividade nas redes sociais, especificamente no *Facebook* e *WhatsApp*, ferramentas digitais acessíveis, hoje, a grande parcela da população brasileira. Utilizamos a cartografia como concepção metodológica, que visa acompanhar processos e opera com uma atenção aberta e flutuante, sem caminhos lineares pré-estabelecidos (KASTRUP, 2015). Inicialmente, discutimos o conceito de virtual e sobre a produção de subjetividade no contexto das novas tecnologias, fazendo interlocuções com Levy (1999), Guattari e Rolnik (1986), Sibilia (2018) e Serres (2012). A partir desses autores, afirmamos que o virtual não se opõe ao real e ele pode ser um vetor de criação de realidades. Sem demonizar o ciberespaço ou enaltecê-lo, defendemos a necessidade de interações que questionem as formas de existência normatizadas. Assim, propomos uma imersão no cotidiano das redes sociais, abordando aspectos que chamam a nossa atenção, como seus usos excessivos e as possibilidades de adoecimentos decorrentes. No final do artigo, retomamos a pergunta/título deste trabalho, concluindo que não podemos respondê-la, mas provocar reflexões que contribuam para as experimentações dos processos de interação com as redes sociais, diminuindo adoecimentos e intensificando as linhas de resistência e criação.

Palavras-chave: produção de subjetividade, redes sociais, virtual.

Abstract: This article results from a scientific initiation research that seeks to investigate the production of subjectivity in social networks, specifically on Facebook and WhatsApp, digital tools accessible to a large portion of the Brazilian population today. We use cartography as a methodological concept, which aims to follow processes and operates with an open and floating attention, without pre-established linear paths (KASTRUP, 2015). Initially, we discuss the concept of the virtual and the production of subjectivity in the context of new technologies, making dialogues with Levy (1999), Guattari and Rolnik (1986), Sibilia (2018) and Serres (2012). Based on these authors, we affirm that the virtual is not opposed to the real and that it can be a vector for the creation of realities. Without demonizing the cyberspace or praising it, we defend the need for interactions that question the

standardized forms of existence. Thus, we propose an immersion in the daily life of social networks, addressing aspects that call our attention, such as their excessive use and the possibilities of resulting illnesses. At the end of the article, we return to the question/title of this work, concluding that we cannot answer it, but provoke reflections that contribute to the experimentation of interaction processes with social networks, reducing illnesses and intensifying lines of resistance and creation.

Keywords: subjectivity production, social networks, virtual.

1. INTRODUÇÃO

Diversas leituras apontam que, desde que foram criadas, as redes sociais vêm chamando a atenção de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Filosofia, a Comunicação, a Educação e a Arte. Suas formas de utilização têm gerado problematizações constantes que necessitam de novos estudos e pesquisas. As redes sociais estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano e criando modos de existência, interação com o outro e com o mundo. Isso se torna um desafio para a compreensão das políticas de subjetivação que emergiram nos últimos anos, sobretudo após a criação da *internet*, no final do século XX.

Em 2009, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da cartilha *Mídias e Psicologia:* produção de subjetividade e coletividade, já defendia o argumento de que os meios de comunicação de massa produzem subjetividades padronizadas, serializadas, obedientes e disciplinadas, mas, ao mesmo tempo, eles também criam subjetividades singulares que escapam a essa serialização. Como aponta Bezerra (2009), no século XXI, com amplos contingentes populacionais providos de informática e telefonia, conectados pela internet e por diversos aparatos digitais, rompe-se a relação espaço-temporal vigente, anteriormente. "Telefona-se, vê-se TV, ouve-se rádio, enviam-se mensagens eletrônicas, capta-se e edita-se texto, imagem estática e em movimento, transmite-se, virtualiza-se a realidade" (p. 323). Em todas as esferas sociais contamos com a presença das tecnologias de informação e de comunicação (impulsionadas pelo mundo digital) e, também, com a possibilidade de novas formas de interação social e de existência. Nesse sentido, observamos que, na atualidade, as redes sociais produzem formas de existência (pensar, sentir, interagir e viver) que necessitam ser investigadas. Perguntamos, por exemplo: que modos de interação com o outro, com o mundo e com si mesmo estamos construindo nas redes sociais, especialmente, no *Facebook* e *no WhatsApp* (ferramentas virtuais digitais popularizadas, em nosso país, nos últimos anos)? Como elas geram subjetividades, seja reconstruindo os modos dominantes, sejam criando linhas de escape ou de fuga?

Essas perguntas orientam este artigo, motivado, também, por experiências e percepções a respeito do uso do *Facebook* e do *WhatsApp,* no cotidiano*,* por exemplo, quando compartilhamos vídeos, fotografias, notícias ou postagens que geram desconfortos. Tais experiências têm apontado desafios para a construção da realidade sociocultural que, hoje, passa, fundamentalmente, pelas interações no mundo virtual/digital.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Buscamos utilizar a cartografia como possibilidade metodológica, concepção voltada para a investigação dos processos de produção e formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010). A partir desses autores, vários pesquisadores argumentam que a cartografia é uma abordagem que difere da visão clássica das ciências, a qual visa à reprodutibilidade do conhecimento, a observação distante dos objetos de estudo e a própria experiência excluída da investigação.

Para Kastrup (2015), no processo de produção dos dados da pesquisa, o método da cartografia faz uso de uma atenção flutuante e aberta aos novos estímulos, pinçando o que salta à vista e emerge do fluxo de pensamento. A atenção é uma ferramenta a ser trabalhada para um melhor acompanhamento do processo que emerge junto com a problemática da pesquisa. À medida que a pesquisa ganha corpo, o pesquisador vai ganhando corpo também. A formação do pesquisador/cartógrafo se dá enquanto processo de corporificação do conhecimento, aberto para o novo que, muitas vezes, não é reconhecido. Essa abertura é constituída por práticas compostas por afetos em trânsito que constroem saberes e indicam modos de agir, um novo caminho para a criação.

Nesse sentido, o cartógrafo é guiado pelo que há de inesperado e pela virtualidade do campo problemático que indica o ritmo, a dinâmica e o movimento de um processo. A cartografia funciona, então, como um método de investigação que faz emergir um mundo que existia enquanto virtualidade e ganha existência tangível enquanto se atualiza.

3. SOBRE O VIRTUAL: CONCEITO E PROBLEMATIZAÇÕES

Para Levy (1996), o termo virtual vem do latim medieval *virtualis,* derivado de *virtus,* força ou potência. “Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LEVY, 1996, p. 15).

O termo virtual abrange um campo de diversos significados, principalmente, com o surgimento da era digital e de termos, como a realidade virtual. Conforme Levy (1996), o virtual pode ser entendido por meio de três sentidos: um corrente, um técnico e outro filosófico. O uso corrente do termo é empregado para designar irrealidade, algo que não está presente, e é intangível. Do ponto de vista técnico, o virtual está ligado à informática e ganha popularidade graças aos avanços da digitalização. No sentido filosófico, o virtual designa algo que não se contrapõe ao real, mas ao atual.

> É virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está presente virtualmente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade (LEVY, 1996, p. 47).

Nesse sentido, o virtual é real e existe sem a presença física ou formal. Uma característica do virtual é a sua ausência de território, o que lhe dá uma impressão de não estar presente. Em relação a esta particularidade, Pierre Levy (1999) afirma que é virtual toda entidade desterritorializada, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados sem, contudo, estar ela mesma, presa a um lugar ou tempo em particular (p. 47). Assim, o virtual aparece como um campo contínuo de problematizações, um emaranhado dinâmico que interfere e constrói realidades, fazendo emergir novas interpretações e significados. "A virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade" (LEVY, 1996, p. 18).

No século XXI, os avanços tecnológicos intensificaram a virtualização da realidade, principalmente com o desenvolvimento das redes sociais que contribuíram para o aumento da velocidade de propagação da informação e da instantaneidade. Testemunhamos uma época em que os olhares se voltam para o campo digital.

Hoje, enviamos mensagens que, instantaneamente, são recebidas, lidas e repassadas. A velocidade é a característica da digitalização do virtual. Somos leitores e autores, simultaneamente; representamos sentimentos diversos através de caracteres, em meio a uma linguagem cada vez mais dinâmica: o hipertexto. Como afirma Levy (1999), "em geral não importa o tipo de informação ou de mensagem: se pode ser explicitada ou medida, pode ser traduzida digitalmente" (p. 50). Assim, podemos observar que a digitalização é o que fundamenta tecnicamente a virtualidade.

3.1. Produção de subjetividade e redes sociais

Conforme Félix Guattari (1996), a subjetividade é produção "[...] de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada modelada, recebida, consumida" (p. 25). Para o autor, o conceito de subjetividade refere-se a uma produção de sentidos que não está centralizada em agentes individuais ou grupais. Essa produção decorre de um funcionamento de máquinas de expressão extrapessoal (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, ecológicos, etológicos), como também, infrapessoais, infrapsíquicos, infra-humanos - sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representações (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 31). As máquinas de expressão exercem um papel determinante na maneira como mundo é percebido.

Desse modo, a subjetividade é criada por agenciamentos de enunciação, em redes de criação de sentidos. Os indivíduos são consumidores de uma produção em massa de significados, desenvolvidos no sistema capitalista atual, cada vez mais digitalizado e globalizado. Para Guattari (1996), o indivíduo existe como um terminal que se encontra na posição de consumidor de subjetividade: de sistemas de representação, sensibilidade, desejos, percepções de si mesmo e do mundo. Os indivíduos que vivem essa subjetividade oscilam entre dois extremos:

> Uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete a subjetividade tal como a recebe ou uma relação de criação na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização (GUATTARI, 1996, p. 33).

Esta perspectiva, de conceber a subjetividade como uma produção, consumida e, ao mesmo tempo, recriada, por meio de processos de singularização, interessa-nos na nossa pesquisa. É importante perguntar como consumimos formas de existência nas redes sociais e, também, como criamos singularizações, recusando os modelos de subjetividade dominantes. Compreendemos que, nas redes sociais, há modos de existência consumidos e criados a todo instante. Como aponta Mancebo (2006), no século XXI, deparamo-nos com a emergência de uma nova ordem social, na qual o ciberespaço tem papel relevante na construção do mundo, e as comunidades *on-line* permitem a aproximação e a hibridização de diferentes culturas, recriando a vida pública por meio das janelas do *Windows* (p. 50). Para a autora (2006), graças à Revolução Microeletrônica, a consciência torna-se planetária, partilhando, globalmente, hábitos, pensamentos e valores, mediados por um sistema informacional em rede. O avanço tecnológico pode desenvolver possibilidades de ação transformadora, mas também assimetrias e exclusões, expondo o caráter contraditório da produção de subjetividade do sistema capitalista digitalizado.

Ana Maria Nicolaci da Costa (2002) compara a revolução tecnológica da internet com a segunda revolução industrial, em função de semelhanças nas mudanças das vidas das pessoas no mundo. Para a autora, tanto a primeira revolução, como a segunda, têm em comum o fato de se basearem em conhecimentos científicos e gerarem descontinuidades profundas nos modos de vida. Assim, novas formas de sentir e agir emergiram com as revoluções tecnológicas, surgindo outros processos de subjetivação, transformando valores, comportamentos e a própria linguagem. Por meio da internet, novos vocábulos aparecem, palavras ganham novos sentidos que são incorporados no cotidiano. Exemplos: *www, rede, ciberespaço, e-mail,* navegadores, *chats, spam, windows,* deletar, formatar, configurar, dentre outros. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p. 199).

Para Barros e Ferreira Neto (2010), as novas modalidades de existência, proporcionadas pela navegação na internet, estimulam um novo tipo de relacionamento com o outro - múltiplo, descontínuo, veloz e com dinamismo ampliado. Atualmente há um número maior de pessoas conectadas na rede, através de computadores pessoais e telefones celulares, aumentando os contatos, a dinamicidade da interação, a massificação das informações. Há um entrelaçamento das formas de existência ou um agenciamento complexificado, composto pela materialidade dos corpos e das máquinas, operando interações e promovendo mudanças nos modos de subjetivação contemporâneos (BARROS; FERREIRA NETO, 2010, p. 32).

Como afirma Sibilia (2018), além de modificar a comunicação e a demonstração de afetos, a internet potencializa as formas de controle, modificando, também, o modo como lidamos com a memória, especialmente, na *timeline* do *Facebook* – considerada a rede social mais popular da internet. Essa *timeline*, não apenas *representa* uma epopeia do seu protagonista (com imagens cuidadosamente selecionadas), mas, a *apresenta* a *performa* e o constitui. A vida cotidiana e o relato audiovisual se fundem e se confundem

nessa biografia, cuja textura é a informática (SIBILIA, 2018, p. 220).

Desse modo, o fenômeno da *timeline* do *Facebook* apresenta-se como possibilidade de exibição de si e serve como registro de memórias, que podem ser apagadas a qualquer momento e não causar uma boa impressão. A memória torna-se maleável, segundo o gosto do consumidor, como se a própria vida fosse uma história contada em suporte digital, cujos episódios desagradáveis pudessem ser apagados – ou melhor, *deletados* – com a eficácia típica dos computadores e por livre decisão de cada um (SIBILIA, 2018, p. 220).

Outro fenômeno apontado por Sibilia (2018) é o reconhecimento de si ou a necessidade de aparecer para o outro e ser aceito por ele, indicando, na arquitetura social da atualidade, desejos de controle e incitação à exibição do cotidiano. Proliferam-se estratégias de visibilidade e constantes intimidações, projetando perfis atraentes e seduzindo o maior número de *likes* possível. A exibição de si, conforme Sibilia (2018), busca conquistar uma legião de seguidores e, consequentemente, uma necessidade de controlar a vida/existência dos usuários da rede. Deleta-se algo postado publicamente e, também, uma sequência de memórias em troca de reconhecimento. Isso ocorre em qualquer campo digital em que há registros de informações, inclusive no aplicativo de envio de mensagens instantâneas, denominado *WhatsApp.* Nesse aplicativo, as mensagens são arquivadas, podendo também ser apagadas a qualquer momento, segundo a vontade do usuário.

4. EXPERIMENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DE UM NAVEGANTE

A partir dos autores citados, propomos experimentar o uso cotidiano do *Facebook* e do *Whatsapp,* buscando perceber aspectos que nos afetam e chamam a atenção.

Esta experimentação começa de manhã, quando toca o despertador. Já estamos conectados à internet, procurando acompanhar novas/velhas mensagens que nos chegam, a todo instante, por meio do W*hatsApp e Facebook*. Novo e antigo se misturam. O novo é de agora a pouco e o antigo é de ontem ou de poucas horas atrás. Passado e presente se confundem. Com avidez, buscamos as notícias novíssimas. Muitas vezes, as de ontem, já não nos interessam mais. Navegamos, incansavelmente, deslizando o dedo na tela do aparelho de celular e remando, de um contato a outro, de um grupo a outro. Ligeiramente, percorremos as mensagens recebidas sobre temas diversos. Ondas de informações se sucedem. Somos tomados por afetos diferentes em um curto espaço de tempo e isso nos instiga a navegar, ainda mais, em um dia que mal começou.

Centenas de amigos se manifestam de formas variadas e nos colocam a par do que está acontecendo no mundo. Muitos fatos/fotos passam por nossas *timelines*: comidas, convites, músicas, filmes, vídeos, políticos, *youtubers,* situações cômicas etc.

Inúmeras publicações passam pela tela/janela dos nossos aparelhos colados em nossos corpos 24 horas por dia. Precisamos de velocidade e rapidez para acompanhar tantas publicações que nos chegam, como se tivéssemos que dar conta de ler e digerir um oceano de dados e informações todos os dias, sem descanso.

Como afirma Brum (2016), estamos exaustos, correndo e dopados. Cansados de curtir, descurtir, surpreender, rir, odiar, compartilhar e entrar na onda de forma quase obrigatória. E tudo recomeça no dia seguinte, levando-nos a perguntar se navegar é preciso.

Michel Serres (2013), no livro intitulado *A Polegarzinha*, argumenta que há novas formas de existência no século XXI, inauguradas pelas tecnologias digitais. São inúmeros indivíduos desterritorializados, navegantes por excelência, munidos de máquinas que funcionam como uma extensão da cognição (celulares, computadores) e imersos no mar turbulento das informações digitalizadas em escala global.

Os Polegarzinhos e as Polegarzinhas são crianças e adolescentes nascidos na era digital e midiática, com uma cognição que responde à velocidade da internet. Com seus rápidos e precisos polegares, os olhos inquietos, eles ambicionam interpretar vários estímulos ao mesmo tempo. Os polegarzinhos, "por celular, têm acesso a todas as coisas; por GPS a todos os lugares; por internet, a todos os saberes" (SERRES, 2013, p. 19). As relações são, para eles, laços fluidos, organizados virtualmente nas redes sociais; o mundo é contemplado a partir das telas em que digitam.

Para Serres (2013), trata-se de um mundo globalizado, sem fronteiras delimitadas, barulhento, multiforme, movido pela potência da atualização das virtualidades dos meios digitais. É imposto aos polegarzinhos atividades que não eram exigidas aos adolescentes e às crianças até há poucos anos.

Esse mundo promove mudanças tecnológicas, digitais e geram desafios para todos nós, sejam crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Os usos excessivos das redes sociais têm afetado, significativamente, nossos corpos, comprometendo atividades de estudos, alimentação, sono, lazer, as relações com o outro e conosco. A necessidade de nos conectar à internet tornou-se um padrão para a nossa existência e não segui-lo é correr o risco de exclusões, seja do mercado, da escola ou do círculo de amizades. Se por um lado, é preciso estar conectado para não ser excluído, por outro, é necessário tomar cuidados para não adoecermos.

O perigo do uso patológico da internet é ressaltado por Eliane Brum (2016) que discute a respeito dos novos tipos de exploração da vida cotidiana, nos quais somos senhores e escravos ao mesmo tempo, perseguidos pela lógica da produtividade e dos resultados imediatos. Para atender a essa lógica, tornamo-nos exaustos, correndo e dopados. Não há limites para a realização das tarefas e metas a serem cumpridas ao longo do dia. Há uma produção quase que infinita de informações que nos levam a uma visão obnubilada do mundo.

Bombardeados por inúmeros estímulos de toda parte do planeta e sem tempo necessário para digerir o que nos chega das redes sociais, reproduzimos um círculo vicioso, correndo atrás de um ideal de produtividade e desempenho. Como afirma Brum (2016), a internet permite que trabalhemos vinte e quatro horas por sete dias da semana livremente e com grande afinco. O descanso do corpo, muitas vezes, ocorre por meio do uso de comprimidos para alívio de dores e ansiedade.

Os argumentos de Brum (2016) são importantes, neste trabalho, pois nos auxiliam a compreender os efeitos dos usos excessivos das redes sociais. Lidar com elas desafia ao aprendizado das lutas em defesa de uma vida não exausta, não dopada e não adoecida.

Consideramos oportuno, nesse momento, retomar a questão/título que move este artigo: *navegar é preciso*?

A pergunta remete à Fernando Pessoa, especialmente, ao poema *Navegar é preciso,* no qual o poeta afirma:

> Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso." / Quero para mim o espírito desta frase transformada/ A forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; /o que é necessário é criar [...] (PESSOA, 2004).

A frase dos antigos navegadores, que inspira o poeta, também, inspira este artigo resultante de uma experiência de iniciação científica realizada na graduação em Psicologia. A pergunta feita, no início do trabalho, continua ecoando e não há respostas para essa questão, mas novas perguntas e experimentações. Não sabemos se navegar é preciso. Sabemos que esse movimento não tem volta, mas um longo processo de aprendizado para lidarmos com as redes sociais no nosso cotidiano, visando usufruí-la, sem adoecimentos excessivos do corpo e da subjetividade. É importante reafirmar o espírito do verso do poema, de que navegar é preciso, viver é preciso e criar é preciso. É urgente inventar outros modos de existir e viver em tempos duros de exaustão e extrema velocidade das ondas digitais que nos arrastam para mares desconhecidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho percebemos que a produção de subjetividade no mundo digitalizado do século XXI engendra-se por meio de uma complexidade de processos que envolvem diferentes dimensões da realidade. Essa produção implica massificação e reprodução das formas de existência e, ao mesmo tempo, possibilita processos de singularização e resistência da subjetividade.

Vale destacar a importância das redes sociais para a nossa convivência e as possibilidades de ampliação dos nossos modos de agir, pensar e sentir. A internet, hoje, tem permitido avanços inacreditáveis em todos os campos (saúde, cultura, educação, comunicação etc.). Há linhas de fuga que traçam outras cartografias culturais, outros modos de mobilizar, informar e interagir com o outro, desafiando e potencializando nossos corpos. Afirmamos que as redes sociais (com sua velocidade e seu potencial de transformação da realidade em escala global) são campos de estudos valiosos para a área de Psicologia que necessita estar aberta aos novos tempos e investigar a produção de subjetividade por meio das tecnologias digitais, considerando seus efeitos e paradoxos em contextos de extremas desterritorializações.

REFERÊNCIAS

ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. *Estud. psicol.* Natal. vol. 11, n.1,2006. p. 45-52.

BARROS, C. C; FERREIRA-NETO, J. L. Adolescência e MSN: o arranjo tecnológico da subjetividade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. v. 5, n. 1, São João Del Rei, jan/jul, 2010, p. 30-38.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. 2.ed. Brasília, 2009.

CORRÊA, F. S. *Um estudo qualitativo sobre representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da internet*. Dissertação, USP Ribeirão Preto, p. 14-28. 2013.

PESSOA, Fernando. *Obras Completas*. São Paulo: Nova Aguilar, 2004

FETTER, S. A.; GRINGS, A.; KAIESKI, N. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do whatsapp. *Renote* V. 13 Nº 2, dezembro, 2015.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolitica*: Cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KASTRUP, Vigínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia*. Pesquisa – Intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEVY, Pierre. *Ciberespaço*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 18, n. 2, 2002. p. 193-202,

POZANNA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Farctal Ver. Psicol*. Rio de Janeiro, V. 25, n. 2, maio/agosto, 2013. p. 323-338.

SIBILIA, Paula. "Você é o que Google diz que você é": a vida editável, entre controle e espetáculo. *Intexto*, Porto Alegre, n. 42, maio/ago, 2018. p. 214-231,

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SERRES, Michel. *Polergazinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.